

# O

# MINISTÉRIO adventista



Leia:

Como Apresentar ao Povo um Deus Real, p. 4.



# A INSTITUIÇÃO OU A MENSAGEM?



Muitos estudiosos do campo religioso atual não pensam mais na igreja adventista em termos de seita — opinião comum no passado — mas consideram-na agora como uma igreja. Quais as razões para tal mudança de opinião? O Dr. Barnhouse, notável teólogo protestante, o diz, ao comprovar que a igreja adventista tem uma completa compreensão da doutrina da justificação pela fé. Para outros os adventistas deixaram de ser um grupo de fanáticos ou de pessoas estranhas e exóticas, para vir a ser uma instituição de peso, tanto pelo elemento que a compõe como

por suas realizações em diferentes áreas.

Faz algumas semanas o governo equatoriano, por intermédio do seu Ministério de Saúde Pública, recorreu à igreja adventista a fim de solicitar ajuda em sua campanha nacional contra os vícios. A OFASA é uma entidade de prestígio entre os mais altos elementos do governo do Peru, do Chile e de outros países. No Brasil o Funrural entregou à igreja adventista todas as clínicas rodantes que lhe foram solicitadas. O encarregado da assistência médica e social dos rios brasileiros recorreu

a nossos escritórios em Manaus a fim de obter orientação para o modo de construir e operar lanchas no Amazonas. O Colégio Adventista do Prata e seu vizinho, o Sanatório Adventista do Prata, foram declarados zonas turísticas pelo governo da província, o que traz à colina ceapense delegações de visitantes de toda a nação. Maravilha, somos um povo importante e apreciado!

Podemos todavia olhar a figura de outro ângulo e perguntar: A quem se deve creditar este prestígio? À igreja como instituição ou à mensagem que ela tem para proclamar ao mundo? Justo é reconhecer que normalmente, se um é alcançado, o outro também o é. Mas é possível que o prestígio da instituição não vá acompanhado da elevação da mensagem. Seria isso como o pescador mencionado em Hab. 1:15, 16, que "sacrifica a sua rede, e queima incenso a sua draga?" Este programa, esta instituição, essas relações públicas, "dão nome à igreja", dizemos, e realmente assim é, na maioria dos casos. Contudo, conservando todos os programas, todas as instituições, todas as relações públicas, devíamos dirigir nossos olhos mais para cima: prestigiar acima de tudo a gloriosa mensagem que é nosso privilégio conhecer e pregar hoje: "Cristo vem breve; prepara-te".

Em nenhum momento como igreja, devíamos sonhar em levantar um monumento, mas sim uma sólida base, com o único propósito de arrebatar pecadores às garras de Satanás. Nosso único monumento, nosso único nome, nossa única glória, devem ser Cristo e Sua cruz.

Pode dar-se o caso de que cheguemos a ser uma instituição apreciada, reconhecida e admirada, com estatísticas brilhantes quanto a colégios, hospitais, lanchas e aviões que realizem uma obra humanitária de primeira classe, mas com estatísticas pobres no que diz respeito a evangelização. A Cruz Vermelha, o Rotary Clube, A Associação Cristã de Moços, a Fundação Rockefeller, são instituições de renome e bem merecem sua fama, mas em suas declarações de princípios e estatutos não se lê: Apresentar o evangelho de salvação ao mundo. O Banco da América apresenta anualmente a seus acionistas o balanço com um detalhe em cifras referentes a inversões, lucros e perdas, mas em todo o livro

não há uma coluna encabeçada com a palavra: "Batismos". Seu êxito se mede em termos de inversões, juros, capital, ações. O êxito da igreja remanescente, ao contrário, mede-se em primeiro lugar por essa coluna que é atinal a razão de sua existência.

A Voz da Profecia, Uma Luz no Caminho, Fé para Hoje, Telepaz, dão nome e prestígio à igreja, mas devem produzir também almas para o reino. De outro modo não se justificaria a milionária inversão que se realiza se esta meta não é alcançada. O Hospital Silvestre, o Hospital Belém, o Sanatório Adventista do Prata, a Clínica Americana, prestigiam a igreja. Mas a pergunta que nos devemos fazer para avaliar o seu impacto, é: Que impressão mais os pacientes, o equipamento de Raios X, a capacidade profissional de médicos e enfermeiros, o excelente laboratório, ou saem impressionados com a necessidade de entregar suas vidas ao Cristo que essa gente serve com tanta dedicação? Admiração pela instituição ou por sua mensagem? "De que vale a mais perfeita organização, o equipamento mais sofisticado, o mais acurado conhecimento, o serviço mais atrativo, se não há suficiente dinâmica interior para tornar tudo isto eficaz?" — L. K. Dickson, The Ministry, junho de 1940, p. 3.

A taça do prestígio e da fama é mais difícil de ser levada do que a da oposição e do anonimato. É fácil comprovar esta afirmação recorrendo-se à História. Escreve Ellen G. White: "Sob a mais atroz perseguição, estas testemunhas de Jesus conservaram incontaminada a sua fé. Posto que privados de todo conforto, excluídos da luz do Sol, tendo o lar no seio da terra, obscuro mas amigo, não proferiram queixa alguma. Com palavras de fé, paciência e esperança, animavam-se uns aos outros". "Triunfaram por sua derrota" disse referindo-se aos que caíram sob a espada. "Os obreiros de Deus eram mortos, mas a Sua obra ia avante com firmeza". "O sangue dos cristãos é semente".

Mas a situação mudou. "O grande adversário se esforçou então por obter pelo artifício aquilo que não lograra alcançar pela força. Cessou a perseguição, e em seu lugar foi posta a perigosa sedução da prosperidade temporal e honra mundana". Resultado? O fervor

decreveu repentinamente. "A igreja naquele tempo encontrava-se em terrível perigo. Prisão, tortura, fogo e espada eram bênçãos em comparação com isto", "a maioria dos cristãos finalmente consentiu em baixar a norma, formando-se uma união entre o cristianismo e o paganismo". — O Conflito dos Séculos, pp. 40-43. O que não foi alcançado pelo sangue conseguiu-se pela lisonja, adulação, exaltação.

O prestígio, o bom nome, são posses valiosíssimas. A igreja deve cultivar essas posses neste tempo final. Mas não o prestígio pelo prestígio em si, senão como meio para alcançar a salvação de homens e mulheres. Nossos programas de Rádio e TV, nossas relações públicas, nossas instituições, devem prosseguir o seu trabalho, mas sabendo que seu objetivo básico, a razão de sua existência, é "revelar o poder da graça de Deus e a perfeição do Seu caráter ante um mundo incrédulo que ama o pecado" (Patriarcas e Profetas).

O lema para 1975, é: Diga-o agora! Isto significa comunicação. Comunicação de quê? "Que viram em tua casa?" Isaías perguntou a Ezequias, logo que o rei havia mostrado os tesouros aos embaixadores que tinham vindo visitá-lo atraídos pela grandeza do Deus a quem Ezequias servia e que o havia curado de uma doença mortal. Ezequias havia perdido a maravilhosa oportunidade de testificar em favor de Deus. Mostrou somente os edifícios, os equipamentos, as conquistas da técnica...! Que portentosas transformações poderiam haver-se realizado se esses investigadores da verdade provindos das planícies da Caldéia tivessem visto o que os induzisse a reconhecer a soberania suprema do Deus vivo! Mas o orgulho e a vaidade se aposaram do coração de Ezequias, exaltando-se a si mesmo, e ele lhes mostrou a instituição, esquecendo a mensagem!

Diga-o agora! Diga ao mundo, através de seu programa, de seu hospital, de seu escritório, de sua escola, de seu púlpito, de seu ministério e de sua vida: Cristo Vem! Prepara-te! Que vejam os tesouros com que Deus tem abençoado o Seu povo, mas acima de tudo, que vejam, reconheçam e aprendam a amar esse Deus que nos deu todos os tesouros! — Rubén Pereyra



# Como Apresentar ao Povo um Deus Real

Francis A. Schaeffer diz-nos como tornar o amor de Deus — e também o juízo — reais a um mundo que nada sabe a respeito de Deus.



O evangelismo está de novo em foco; tanto nas igrejas como nos colégios os cristãos estão procurando saber como poderão ser mais eficazes em ganhar homens e mulheres para Cristo.

Poucos homens nesta geração têm sido tão bem-sucedidos como o Dr. Francis A. Schaeffer, autor bem conhecido e apologista cristão, notório por seu ministério em favor dos jovens em L'Abri, Suíça.

Convidamos o leitor a examinar suas respostas a algumas perguntas bem profundas.

**Dr. Schaeffer, que se pode fazer de realmente básico no trabalho do evangelismo?**

Bem, parece-me que toda a questão gira em torno do evangelismo com centro em Deus e a espécie de Deus que temos. Devemos começar com o entendimento de que Deus é um Deus real, pessoal, como a frase que uso muitas vezes: Ele está aí — “o Deus que está aí”. Ele deve estar objetivamente aí. Não deve ser uma projeção de nossa mente.

Depois de vermos que Ele está aí, objetivamente, precisamos ver então que Ele possui um caráter: é santo. Por exemplo, Ele não pode ser caracterizado como os deuses orientais que contêm tudo. Então a crueldade seria igual a não-crueldade, moralidade e imoralidade seriam sem significado, como sem significado seria também a justiça social, e até o evangelismo. Este passaria a ser simples proselitismo.

A terceira chave é nossa idéia do homem. Para que o evangelismo tenha sentido é preciso que creiamos ser o homem precioso, grande. Uma coisa que torna o homem realmente grande é o fato de que ele foi feito à imagem de Deus. Então temos de perguntar de onde vem a imperfeição do homem... Deve ter havido uma verdadeira queda na relação espaço-tempo, ou o evangelismo não passaria de uma peça teatral.

Visto existir um Deus que é santo, o homem pode ser considerado como tendo genuína culpa, não meramente culpa sociológica ou psicológica como simples sentimento. A culpa do homem está enraizada não em alguma falha programática ou ninharia metafísica, mas em rebelião contra o Deus que está aí, que é real.

**O senhor fala em real culpa, em um Deus pessoal e objetivo, em queda, diabo e santidade. Essas idéias são muito estranhas para a maioria das pessoas hoje. Como podemos comunicar este evangelho ao homem moderno?**

Moody e Sankey, que trabalharam pouco antes de 1900, puderam ir direto ao assunto da salvação porque estavam falando a pessoas que tinham pelo menos idéia do conteúdo do cristianismo. Assim não tiveram necessidade de pôr a base de um Deus pessoal, um Deus de caráter. Eles podiam usar a palavra Deus e todos sabiam que falavam do Deus judeu-cristão.

Mas nós hoje agimos como se o consenso ao nosso redor ainda fosse o mesmo do tempo de Moody, o que é um erro. Ao tratar com a maioria das pessoas hoje, eu praticamente não começo com o modo da salvação, mas com o Deus que “está aí”. Se Deus não “está aí”, então a salvação é apenas outro artifício, apenas outro modo de conseguir crescimento, como a grama.

**Mas certamente as pessoas hoje compreendem sua condição. Porque então a palavra salvação é sem significado?**

Moody era um homem sábio. Suponho que em vez de pregar em Liverpool e Londres pouco antes de 1900, ele tivesse sentido que devia ir à África e pregar aos pigmeus. Jamais teria ele pregado 45 minutos e feito apelos. Não haveria base suficiente para isto. A maioria das pessoas no Século XX estão muito mais perto dos pigmeus em sua compreensão básica de Deus do que da concepção dos que viviam em Liverpool em 1890. Mas os evangélicos não têm compreendido isto. Temos ficado não para trás intelectualmente que não compreendemos quão diferentemente pensa o homem do Século XX.

**Que devemos dizer aos não-cristãos sobre fatos como a mortandade dos cananitas, infligida por Josué? No evangelismo moderno pode-se proclamar o juízo, o julgamento, por parte de Deus?**

Penso que devemos proclamar o juízo. O que o homem moderno não compreende é que se Deus deve ser tido como santo, então Ele tem de julgar. Deus não pode ser um Deus santo se Sua norma para promoção é baixa. Essa norma tem de ser 100. De outro modo não teremos um termo absoluto para avaliar coisa alguma, tudo passa a ser relativo, e Deus é apanhado na tela do relativo. Deus julgou pelo dilúvio, julgou em Sodoma e Gomorra, julgou pela espada de Josué. Ele julgará no juízo final.

Mas, em dizendo isto, penso que devemos ser muitíssimo cuidadosos. Deus tem em Seu caráter duas facetas simultâneas: santidade e amor. Insisto no fato de que somos cristãos com um único chamado, e não com uma dúzia. Não me interessa se estamos trabalhando no evangelismo, no relacionamento de raças ou na justiça social; nosso chamado é proclamar a existência, e então santidade e amor, de um Deus que “está aí”.

Um dos mais belos e mais tocantes versos da Bíblia, embora um dos mais aterradores, encontra-se no livro do Apocalipse, e fala da ira do Cordeiro. Toda vez que o leio, chego a chorar. Aqui está Alguém que veio para que ninguém precisasse conhecer a ira de Deus, e Ele vai ser o Juiz do mundo.

Não vejo, pois antítese entre o amor e o juízo, e penso que devemos dar ênfase a ambos.

**Como posso conciliar amor de Deus e juízo em nossa proclamação?**

Anos atrás eu tinha a impressão de que em pessoa podeis proclamar o juízo de Deus e ele soará apenas como dureza; e em pessoa podeis



proclamar o amor de Deus, e ele soa como comprometimento. Mas o que não podeis fazer em pessoa é proclamar a ambos simultaneamente. É uma coisa que temos de esperar Cristo exponha por nosso intermédio. Quando abrimos a Bíblia, ela fala com força a nós ambos: o orador e o ouvinte. Esta é a chave para a coisa toda.

Muitas pessoas rejeitam o evangelismo, não precisamente por causa do conceito de juízo, mas porque muitos dos proclamadores parecem estar a edificar-se a si mesmos enquanto caminham sobre os outros. A ortodoxia bíblica sem compaixão é certamente uma coisa horrível no mundo.

### **Há outros perigos que nos podem ameaçar no evangelismo?**

Outro perigo seria ver o evangelismo como isolado de todos que seguem o verdadeiro evangelismo. Numa boa porção do trabalho missionário e evangelismo o único alvo é ver a alma ir para o Céu. Nunca vão além da "salvação da alma" e de um estreito ponto de vista espiritual; número de horas demasiado gastas em leitura bíblica ou igual número despendido em oração e observância de uma lista de tabus.

Os evangélicos, naturalmente, ensinam que o cristianismo tem implicações para o presente, mas agem como se sua única preocupação fosse ver a alma no Céu. As pessoas, claro, têm vocações diferentes, e não precisamos atirar pedras em quem tem vocação diferente da nossa. Algumas pessoas são chamadas a pôr mais ênfase nos portões da salvação, enquanto outras em resultados sociológicos ou culturais! Nada há que questionar quanto á propriedade dessas diferentes ênfases, mas todos devem ter um pouco de cada.

Mesmo na apresentação do cristianismo a não-crentes precisamos integrar alguns conceitos de para onde ele conduz, fazendo-o cuidadosamente, é claro. Se convidais uma pessoa a aceitar a Cristo como seu Salvador sem lhe dar alguma idéia da advertência de Cristo sobre o homem que constrói uma torre, penso ser algo desonesto. (Ver S. Lucas 14:28). Falamos muito sobre tornar-se alguém um cristão, e não muito sobre o que a obra de Cristo significa em minha presente vida depois de haver eu me tornado um cristão.

Por outro lado, não creio que alguém deva estar tão interessado nos resultados intelectuais e culturais do cristianismo que jamais sinta qualquer compaixão pelas almas perdidas.

### **Quais as implicações da justiça social e a plena compreensão do evangelho?**

Em seu livro *The Plague*, Camus descreve ratos levando a praga para Oran. O próprio Camus é o homem, e a praga é o dilema da humanidade. Como ele vê a questão, ou lutará ao lado do médico no combate à praga,

caso em que estará combatendo contra Deus, ou une-se com o sacerdote, e não realiza qualquer ato humanitário, e portanto evitando lutar contra Deus.

A posição cristã contrasta-se com isto. Compreendemos que a praga está no mundo, não porque Deus a tenha posto aí, mas em virtude da queda. Quando Jesus estava de frente à tumba de Lázaro, Ele Se declarou Deus, e contudo o grego deixa claro que Ele estava indignado bem como chorando. Declarando-Se Deus, Ele não estava indignado em Si mesmo, mas Sua ira era dirigida à praga do mal e da morte.

Dei ênfase a Camus porque penso que é crucial nesta geração compreenderem as pessoas que os cristãos têm um fundamento para justiça social. O existencialismo não o tem.

### **Por que, então, os evangélicos têm uma ação tão pobre?**

Quando penso em nossa falta de atividade na área da justiça social, pergunto-me às vezes se isto não é engendrado pelo fato de não crermos realmente na anormalidade da presente condição do mundo. Mas se Deus não fez o mundo deste modo, então temos base para lutar contra as injustiças sociais que Camus, teólogo liberal, e o homem moderno não têm.

Devemos lembrar que somos nós, e somente nós, que temos base suficiente e forte, para crer na unidade da raça humana. Devíamos combater o liberal como um louco que diz que não provimos todos de Adão, todavia nosso registro sobre as relações entre raças não condiz com nossa crença.

O homem é uma espécie, uma carne, um sangue. Jesus salientou isto de modo insofismável na parábola do Bom Samaritano. Todos os homens são "meu próximo". Eu tenho de dar realce a minha responsabilidade como próximo de todos os homens, ou não estarei realçando o amor de Deus juntamente com a santidade de Deus.

Sou cada vez mais movido pela ênfase da Bíblia no fato de que a primeira igreja cristã era uma comunidade que incluía tudo, mesmo as necessidades materiais. Eu admiro a igreja de Antioquia. Ali vedes tudo que a igreja precisava ser. Havia na igreja um homem chamado Niger, que certamente era negro. Havia escravos, e na outra extremidade da escala social, o irmão de criação de Herodes. Isto era sem dúvida algo notável.

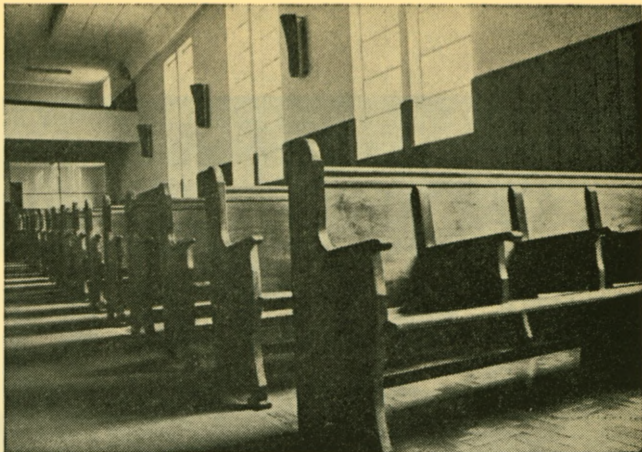
### **A frase: "O amor é a apologia final" é sua. Podia ampliar este pensamento?**

O que eu realmente disse é que a observância de amor é para todo verdadeiro cristão a apologia final. Isto deriva de duas afirmações de Cristo, ambas as quais realmente me sacodem. A primeira, em S. João 13, afirma que se o mundo não vir o ver-

(Continua na p. 21)

# Necessidade de Pregação Doutrinária

ARTUR H. STAINBACK



Este oportuno artigo de um líder batista em favor de mais pregação doutrinária apareceu primeiro no The Watchman-Examiner, tendo sido reproduzido em Signs of the Times de 26 de novembro de 1946.

## Um Desafio ao Retorno às Verdades do Novo Testamento

Há exagerado preconceito contra doutrinas nos dias que correm, apresentadas do púlpito na forma de sermão. Alguns argumentam que as doutrinas são muito obscuras, muito difíceis de serem explicadas à mente do leigo, e que, sendo que há opiniões divergentes, sermões sobre doutrina resultam muito mais em confusão do que em esclarecimento. Triste é dizê-lo, mas alguns têm ido tão longe nessa opinião a ponto de sustentar que não importa o que a pessoa creia, desde que ele se comporte e freqüente a igreja.

Como pode uma pessoa viver corretamente se não compreende a Bíblia? Por que há de mostrar-se ele interessado na igreja e ser-lhe fiel se não compreende sua posição em matéria de fé? Pregação doutrinária é simplesmente ensinar a Bíblia.

A anemia espiritual na vida de nossa igreja deve-se a essas idéias que predominam a este pavor de pregar doutrinas. Os membros da igreja muitas vezes não sabem onde estão em matéria de fé. Não é incomum ouvir-se um membro, ou até mesmo um Pastor, defender uma doutrina contrária à opinião de sua igreja. É triste ter de afirmar que muitos dos membros de nossa igreja são infantis em questão de doutrina.

Jamais teremos uma igreja adulta, amadurecida, ou um cristianismo forte, enquanto não tivermos cristãos amadurecidos. Para sermos amadurecidos precisamos conhecer doutrina. Precisamos urgentemente de um reavivamento da pregação doutrinária em nossos púlpitos. A teologia será então clara e automaticamente eliminaremos nossos conflitos e nossas divergências de opinião. Isto fará também membros estudiosos da Bíblia, refletidos e fiéis.

Temos de preocupar-nos com esta ignorância profundamente arraigada sobre a posição que mantemos em termos de doutrinas. Como

for o pregador, assim será a igreja. Façamos, pois, campanhas sobre a conveniência de conhecer doutrinas, e preguemos doutrinas de nossos púlpitos, a fim de enchermos os bancos vazios. Pregai doutrina e estareis limpando o pó dos assentos. Pregai doutrinas, e evitaremos a leitura de revistas na hora do sermão, e vereis a congregação aumentar. Pregai as notícias da manhã, mas aquelas que foram escritas séculos atrás. Deixai que vossos membros saibam que quando pregais, o mundo fica de fora. Animal suas almas com a Palavra de Deus. Cessai de falar sobre um mundo cristão melhor, até que vossos membros saibam o que é ser um melhor cristão.

Acomodai-vos em vossos sermões para serdes agradáveis aos homens, e estareis lesando vossa eficácia para Cristo. Adocicai vossos sermões ao mundo em que os homens gostam, e estareis levando vossa congregação a diabetes espiritual. Pregai idéias populares e o vosso rebanho procurará o caminho do mundo e trará os seus entulhos para as vossas portas. Pregai as grandes doutrinas e deixai que vejam como Deus é rico em Sua Palavra, e conhecerão a Deus e Suas riquezas.

Este mundo está faminto e nada sabe sobre a natureza de seu apetite. Ele está faminto pelo pão da vida, a Palavra de Deus, a autoridade para a vida e a eternidade. Pregai doutrinas, e sacudireis este velho mundo e o despertareis para a compreensão da responsabilidade dada por Deus. Levareis então o povo de volta a Deus e aos caminhos da paz e da felicidade. Nosso povo está aumentando o seu interesse pelas coisas do mundo, e mal desperta sonolento ao soar o alarma. Pregai a Palavra de Deus e as doutrinas regularmente e com cuidado, até que tenhais formado crentes adultos, amadurecidos, prontos para lutar contra o pecado e para levar o evangelho ao mundo. Δ



# O Regozijo da Colheita



Três festas se destacavam no calendário de Israel. Chegada a data, o povo deixava os seus labores e se reunia no santuário para adorar a Deus. Eram a Páscoa, o Pentecoste e as Cabanas.

Pentecoste era a festa da primeira sega, quando os adoradores traziam os primeiros frutos da terra. A Festa das Cabanas, algo parecido com nossos acampamentos, era descrita como "a festa da colheita, à saída do ano", quando haviam colhido os frutos dos labores do campo. (Êxo. 23:16.)

Estamos terminando o ANO DA COLHEITA em que todos os talentos da igreja se uniram para uma tarefa acabada e eficiente. Foi também um ano de profusa sementeira, porque con-

tinuaremos colhendo em 1975. Houve intenso trabalho, suor, lágrimas, lutas, mas acima de tudo, satisfações mil, que fazem esquecer tudo que se passou.

A Festa das Cabanas era uma ocasião de verdadeiro regozijo. Três fatores se conjugavam para que assim fosse: a idéia do dever cumprido, a certeza de que as contas com Deus e o próximo haviam sido acertadas no grande dia da expiação que a precedia, e a lembrança da maravilhosa libertação que haviam experimentado logo após a grande escravidão no Egito. O gozo era justificado.

Ao concluir 1974, o corpo de ministros e leigos da América do Sul experimentou também

um gozo tríplice: pela tarefa cumprida ao haverem levado a cabo diligentemente o plano traçado, por terem a consciência tranqüila de que buscaram a Deus de todo o coração e que podem olhar para qualquer direção sem se sentirem envergonhados, e por compreender o que significam os milhares de almas resgatadas de uma escravidão pior do que a egípcia, e que hoje se alegram em sua peregrinação para a Sião celestial.


A irmã White diz: "Bom seria que o povo de Deus na atualidade tivesse uma Festa dos Tabernáculos — uma jubilosa comemoração das bênçãos de Deus a eles". — *Patriarcas e Profetas*, p. 578.

Por que não organizar em nossa igreja local, na Associação ou na União, algum tipo de reunião especial de regozijo pelo que foi alcançado em 1974? Não se trata de reviver uma festividade do passado, mas de reviver o espírito de regozijo que então havia, e que deve caracterizar o cristão agradecido, que reconhece quão bom Deus tem sido para com ele. Poderia ser uma reunião de obreiros ou de obreiros e leigos, que hajam participado ativamente na colheita. Mas, isto sim, devia ser aquela reunião de especial gozo, de agradecimento a Deus, de recon-sagração alegre a Ele e a Sua causa. Que tudo seja impregnado do espírito de louvor dos salmos. Não lhes parece uma boa idéia?

Pense! Vale a pena! ▼

— R.P.



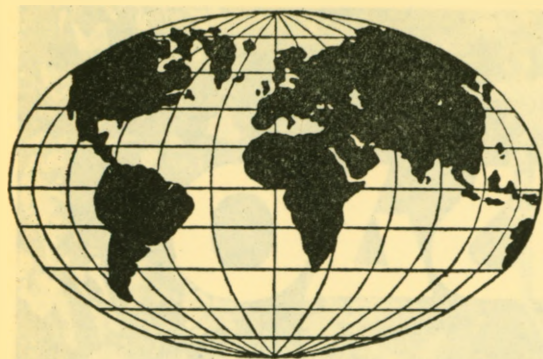


# DIFUSÃO

**PROF. ROBERTO C. DE AZEVEDO**  
Secr. do Depto. de Educação da U.S.B.

O fim virá quando o evangelho for pregado em todo o mundo. Esta forma de lermos o conhecido texto traz em seu bojo uma questão: Até onde avançamos como adventistas? Quanto falta para atingirmos todo o Mundo? Como estamos na Divisão Sul-Americana e no Brasil?





## AS GRANDES PRIORIDADES MUNDIAIS

Adotamos como critério geral a proporção de 1 adventista para cada 50.000 habitantes por país. Vejamos o quadro das prioridades Mundiais.

### QUADRO I – PRIORIDADES MUNDIAIS

1. Sudão (AF)	15.695.000	(...)	15.695.000
2. Arábia Saudita (AF)	6.036.000	(...)	6.036.000
3. Mali (AF)	5.022.000	(...)	5.022.000
4. Yemen (AF)	5.000.000	(...)	5.000.000
5. Níger (AF)	4.016.000	(...)	4.016.000
6. Guiné (AF)	3.702.000	(...)	3.702.000
7. Somália (AF)	2.500.000	(...)	2.500.000
8. Albânia (EU)	2.080.000	(...)	2.080.000
9. Yemen (Rep. Dem.) (AF)	1.436.000	(...)	1.436.000
10. Mauritânia (AF)	1.120.000	(...)	1.120.000
11. Kuwait (AF)	831.000	(...)	831.000
12. Butã (AS)	750.000	(...)	750.000
13. Timor Port. (AS)	595.000	(...)	595.000
14. Guiné Port. (AS)	530.000	(...)	530.000
15. Gabão (AF)	500.000	(...)	500.000
16. Gâmbia (AF)	357.000	(...)	357.000
17. Malta (EU)	324.000	(...)	324.000
18. I. Comoro (AF)	271.000	(...)	271.000
19. Senegal, Guiné, Mali			
Mauritânia, Níger (AF)	17.600.000	( 81)	217.283
20. Bahrain (AS)	216.000	(...)	216.000
21. Sikkim (AS)	198.000	(...)	198.000
22. Irã (AF)	26.284.000	(215)	122.251
23. Dahomei, Togo (AF)	4.800.000	( 40)	120.000
24. Maldivias (AS)	104.000	(...)	104.000
25. Qatar (AS)	100.000	(...)	100.000
26. Sahara Espanhol (AF)	63.000	(...)	63.000
27. Iraque (AF)	8.440.000	(153)	55.163
28. Israel (AF)	2.822.000	( 55)	51.309

\* Em Setembro de 1973 a U. S. B. publicou um opúsculo de 106 páginas com o título DIFUSÃO-73. Este artigo é uma síntese desse trabalho. Os dados são de 1972. (Mantida a grafia do original).

Observamos que nesta lista há 10 países com mais de 1 milhão de habitantes onde não há nenhum adventista. Segundo o critério adotado existem 28 países no mundo, onde a proporção é de 1 adventista para cada 50.000 habitantes.

Há porém no mundo inteiro 33 países ou regiões onde não há nenhum adventista.

É na África e no Oriente Próximo que encontramos o grande vazio adventista.

Seria interessante ativar todas as nossas Ins-

tuições nestes locais, ou próximo deles, a fim de formar pessoal que fale o árabe fluentemente e que penetre sistematicamente nestes países. O rádio e a imprensa deverão literalmente penetrar dia e noite a região, nas línguas locais.

## OS PÓLOS MUNDIAIS

O critério para a identificação destes pólos é simples: o país deverá ter 10 milhões de habitantes, ou mais, e a proporção de 1 adventista para cada 600 habitantes.

### QUADRO II – PÓLOS MUNDIAIS

País	Divisão	Habitantes	Membros	H/M
1. Kênia	AMD	10.469.894	( 70.125)	149
2. Filipinas	FED	40.102.216	(136.212)	294
3. Peru	SAD	14.173.396	( 47.225)	300
4. Austrália	AD	12.124.381	( 32.042)	378
5. Tanzânia	AMD	12.231.342	( 25.156)	486
6. România	AD	20.000.000	( 40.864)	489
7. E. U. A.	NAD	209.602.920	(396.330)	528

Estes pólos deverão servir de ponto de apoio para atingir as prioridades. Realmente, é necessário avançarmos de modo contínuo em cada um dos locais de maior necessidade.

### DIVISÃO SUL-AMERICANA

Havia na Divisão Sul-Americana 1 adventista para cada 583 habitantes. Hoje a situação é ainda melhor, mas estamos, em relação às outras Divisões em 5.º lugar.

### QUADRO III – AS DIVISÕES – Proporção H/M (habitantes/membros)

Divisões	H/M
1. Divisão Australasiana	206
2. Divisão Transafricana	280
3. Divisão Interamericana	430
4. Divisão Norte-Americana	518
5. Divisão Sul-Americana	583

No mundo inteiro, há um adventista para cada 1.719 indivíduos.

Na Divisão Sul-Americana é possível observarmos como estamos, país por país. Vejamos o Quadro IV.

### QUADRO IV – DIVISÃO SUL-AMERICANA – Proporção H/M

Países	H/M
1. Bolívia	218
2. Peru	300
3. Chile	534
4. Brasil	610
5. Uruguai	832
6. Argentina	1.209
7. Equador	1.605
8. Paraguai	2.500



Observamos que estamos atrasados especialmente no Equador e Paraguai. Será necessário deslocar um pessoal dos outros Campos para atuar profundamente nos 2 países. A Voz da Profecia deverá ser irradiada diariamente nestes países.

Grupos de colportores deverão atuar de modo a literalmente bombardear todas as cidades. E deverão atuar ao mesmo tempo, vindo de diferentes países e trabalhando de forma coordenada. Estes colportores serão instruídos a deixar em cada casa visitada uma revista que sintetize nossas principais mensagens, mesmo que seja para doar.

## BRASIL

A situação, por Unidade da Federação aparece no Quadro V.

### QUADRO V — Proporção de Habitantes por Membro Adventista

1. Roraima	180
2. Amazonas	190
3. Mato Grosso	268
4. Rondônia	286
5. Pará	291
6. Paraná	313
7. Amapá	339
8. Espírito Santo	355
9. Rio Grande do Sul	398
10. São Paulo	478
11. Maranhão	562
12. Acre	580
13. Santa Catarina	649
14. Goiás e D. Federal	655
15. Guanabara	679
16. Rio de Janeiro	838
17. Sergipe	842
18. Minas Gerais	1.112
19. Bahia	1.149
20. Pernambuco	1.158
21. Piauí	1.368
22. Ceará	2.099
23. Rio Grande do Norte	2.515
24. Paraíba	2.765
25. Alagoas e F. Noronha	2.878

## BRASIL — PRIORIDADES NACIONAIS

O critério utilizado foi o de 1 adventista para cada 25.000 habitantes.

### QUADRO VI — PRIORIDADES NACIONAIS — BRASIL

Nota — Todas estas cidades não possuíam nenhum adventista, a não ser Taboão da Serra (SP).

UEB	Olinda (PE)	187.553
UEB	S. João Meriti (RJ)	163.934
UEB	Divinópolis (MG)	69.872
UEB	Sete Lagoas (MG)	61.063
UEB	Barbacena (MG)	57.766
UEB	S. J. Del Rey	45.019
UEB	Cons. Lafaiete (MG)	44.894
UEB	Paulo Afonso (BA)	38.494
UNB	Crato (CE)	36.836
UEB	Curvelo (MG)	30.225
USB	Cachoeira (RS)	29.977
USB	Bebedouro (SP)	28.824
UEB	Formiga (MG)	28.719
UNB	Iguatu (CE)	27.851
UNB	Florianópolis (PI)	26.791
UEB	Pal. dos Índios (AL)	25.982
USB	Sapucaia do Sul (RS)	41.154
USB	Taboão da Serra (SP)	40.959
UNB	Bayeux (PB)	34.681

Nestes locais é necessária uma ação coordenada e energética, a fim de implantarmos a curtíssimo prazo a mensagem em todas elas.

## AS CIDADES MAIS ADVENTISTAS DO BRASIL

Verificamos também as cidades onde proporcionalmente temos mais adventistas em todo o Brasil. Eis a lista.

### QUADRO VII — AS CIDADES MAIS ADVENTISTAS DO BRASIL

Cidades	H/M
1. Baixo Guandu (ES)	33
2. Manaus (AM)	40
3. Santa Inês (MA)	43
4. Cruzeiro do Oeste (PR)	49
5. S. Francisco do Sul (SC)	47
6. Castro (PR)	49
7. Ibicará (BA)	50
8. Guarapuava (PR)	50

## CONCLUSÃO

É necessário avançar de modo mais rápido para que definitivamente chegue o tempo em que todos os locais do Mundo, da América do Sul e do Brasil tenham sido penetrados.

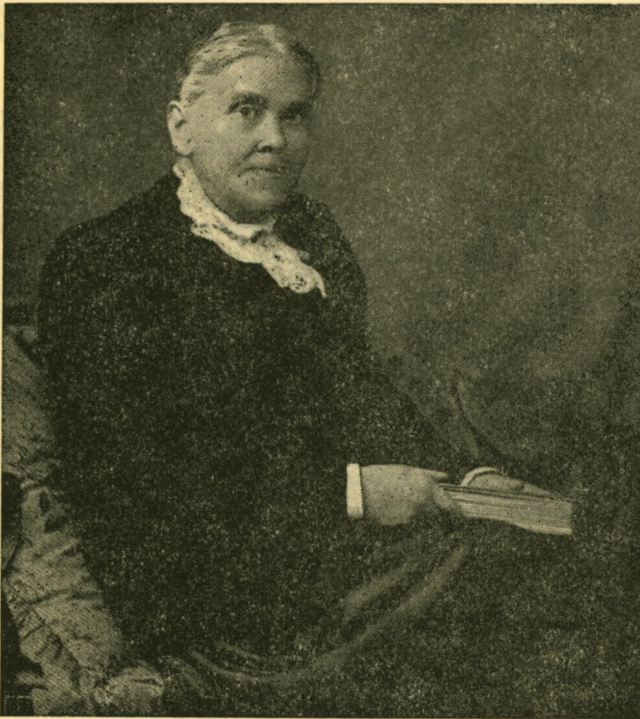
Se nos organizássemos com o propósito específico de liquidar a tarefa cabalmente em cada um destes locais, certamente o conseguiríamos em pouco tempo, talvez um ano!

E se isto ocorresse, então estaríamos penetrando nos portais do FIM! ▼



# “O Que Poder

Examinando algumas “Reviews” velhas, encontrei um artigo (1) com o título acima mencionado, fazendo alguns comentários sobre um artigo da Sra. E. G. White, escrito em 1903, com referência “o que poderia ter sido” uma assembléia da Associação Geral que estava no passado. Como se trata de um assunto válido para cada uma de nossas reuniões espirituais e assembléias, aqui vai a tradução deste pequeno, mas mui oportuno capítulo:



Numa certa tarde, estava eu escrevendo a respeito do trabalho que poderia ter sido feito na última assembléia da Associação Geral, se os homens em posição de confiança tivessem seguido o caminho e a vontade de Deus. Aqueles que tiveram

muita luz, não andaram na luz. A reunião terminou e uma verdadeira consagração não se deu. As pessoas não se humilharam ante o Senhor como deveriam ter feito, e o Espírito Santo não foi concedido.

Tendo escrito até este ponto,

fiquei inconsciente e me parecia estar testemunhando uma cena em Battle Creek.

Estávamos reunidos em assembléia no auditório do Tabernáculo de Battle Creek. Orou-se, cantou-se um hino, orou-se mais uma vez. As mais sérias súplicas foram feitas a Deus. A reunião foi agraciada com a presença do Espírito Santo. O trabalho foi em profundidade e alguns dos presentes choravam em alta voz.

Um dos presentes levantou-se da sua posição inclinada, dizendo que no passado não tinha estado em harmonia com certas pessoas nem sentido amor para com elas, mas que agora via como ele realmente tinha sido. Com grande solenidade ele repetiu a mensagem à igreja de Laodicéia: “Como dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim miserável, pobre, cego e nu.” Agora vejo que esta é a minha condição. Meus olhos se abriram. Meu espírito tem sido duro e injusto. Eu pensava ser reto, mas o meu coração está partido e vejo a minha necessidade do precioso conselho daquele que me tem esquadrihado

# ia Ter Sido..."

RODOLPHO BELZ

completamente. Oh, quão graciosas, compassivas e amorosas são as palavras: "Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestidos brancos para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos a fim de que vejas".<sup>2</sup>

O que falava virou-se então para aquele que tinha estado a orar, dizendo: "Temos algo a fazer. Temos de confessar os nossos pecados, e humilhar os nossos corações perante Deus". Ele fazia confissões que abalavam os corações e então dirigiu-se a alguns dos irmãos, um após outro, estendendo sua mão e pedindo perdão. Estes, aos quais ele se dirigia, levantaram-se, fizeram confissões, pedindo perdão, abraçaram-se chorando. O es-

pírito de confissões espalhou-se através de toda a congregação. Era um tempo pentecostal. Louvores a Deus se ouviam e avançando noite a dentro até a madrugada, a reunião continuava. As seguintes palavras muitas vezes foram repetidas: "Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te. Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo".<sup>3</sup>

Ninguém se sentia tão orgulhoso para não fazer suas sinceras confissões e aqueles que tomavam a dianteira deste trabalho, eram os que tinham influência, mas não haviam tido coragem antes de confessar os seus pecados.

Ouvia-se tal júbilo como nun-

ca antes se havia ouvido no Tabernáculo.

Então acordei do meu estado inconsciente e, durante algum tempo, não sabia onde estava. A caneta ainda estava na minha mão. As seguintes palavras foram mencionadas a mim: "Isto poderia ter acontecido". Tudo isto o Senhor estava desejando fazer para o Seu povo. Todo o Céu desejava ser benigno. Pensei, onde poderíamos estar, se este radical trabalho tivesse sido feito na última assembléia da Associação Geral, e uma agonia de desapontamento veio sobre mim ao compreender que o que havia presenciado, não fora realizado.<sup>4</sup>

1. Review and Herald, Fevereiro, 29, 1968, p. 4
2. Apoc. 3:17-18
3. Apoc. 3:19-20
4. "Testimonies for the Church", Vol. 8, pp. 104-108.
5. S. João 17:21
6. Obreiros Evangélicos, p. 136

**Companheiro, este capítulo da pena da Sra. White, não necessita de comentários, mas perdoai-me apenas estas poucas palavras: "O que poderia ter sido" para a obra de Deus se esta visão da Sra. White fosse praticada em todas as nossas reuniões espirituais, ministeriais e assembléias?**

**Por que não tornar esta visão uma realidade em noso meio?**

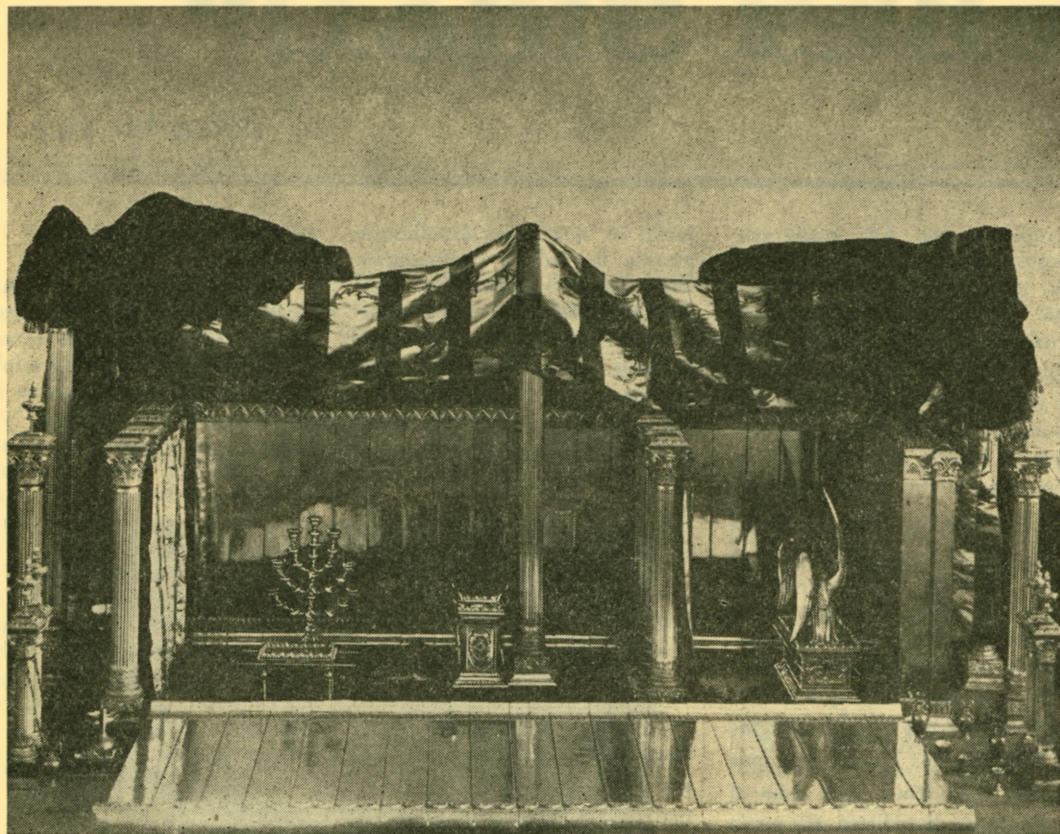
**Por que não pôr em prática o sinal da Divindade de Cristo?**

**"A fim de que todos sejam um, (...) para que o mundo creia que Tu Me enviaste". (5)**

**Por que não unir-nos como um só homem e terminar o trabalho a nós confiado?**

**Por que não ser mais amorosos, humanos, uns para com os outros? Pensemos nesta grande frase da Sra. White: "A desumanidade do homem para com o homem, eis nosso maior pecado". (6) ▼**





# Onde Cristo Entrou em 1844?

(Heb. 9:12)

**AECIO CAIRUS**

Prof. de Teologia do Colégio Adventista do Prata

Conheceis os fatos fundamentais: Cristo, nosso Sumo Sacerdote, Se ofereceu a Si mesmo como vítima expiatória no Calvário, e com a eterna redenção que esse fato nos garantiu — a virtude do Seu sangue — penetrou no santuário celestial após Sua ascensão. Este santuário, como o terreno que era sua cópia, consta de duas divisões, e nosso Intercessor passou da primeira para a segunda, ou lugar santíssimo, no ano de 1844 de nossa era, para ocupar-Se da primeira fase do juízo divino — a “purificação do santuário” aludida em Dan. 8 e 9.

Tal o descobrimento dos pioneiros do movimento adventista, guiados manifestamente pelo Espírito de Deus no estudo consciente da Bíblia. Esta a doutrina mais peculiar da igreja consagrada a difusão do “evangelho eterno”. Daí a surpresa de que deve ter ficado possuído o leitor ao dar com este texto (Heb. 9:12), assim redigido na Almeida Revista [o autor utiliza a Bíblia igualmente revista na versão Reina-Valera]: “Por Seu próprio sangue [Cristo] entrou uma vez no santo dos santos”.

O apóstolo Paulo, escrevendo no primeiro século de nossa era, refere-se aqui sem qualquer



dúvida como a um fato consumado, à redenção e à entrada “uma vez para sempre” no santo dos santos — pelo menos assim reza a versão por nós citada. Portanto, nada poderia ter acontecido em 1844. Mas deve ter parecido curioso também ao leitor, se consultou outra versão, tanto em português como em alguma outra língua, não ter encontrado essa idéia de “lugar santíssimo” nessa passagem. A idéia mais freqüentemente expressa em outras versões, incluindo-se a Almeida não revista, é “santuário”, ou “lugar santo”, ou “o santo”.

Outro erro de tradução? Dificilmente. No mesmo capítulo a Almeida Revista [como a de Valera Revista, mencionada pelo autor] traduz corretamente as expressões gregas *hagion* — santuário (9:1), *ta hagia* — lugar santo (9:2) e *ta hagia toon hagion* — lugar santíssimo [ou santo dos santos, Alm.] (9:3). Literalmente essas expressões significam respectivamente “o santo”, “os santos lugares”, e “os lugares santos dentre os santos”. A compreensão da linguagem original é, pois, muito simples. A que se deve então a diferença da Almeida Revista de outras versões? É provavelmente um problema de escolha de texto — o que passamos a explicar:

Quando dizemos “os originais”, referimo-nos não a algum manuscrito saído diretamente das mãos dos apóstolos (o que seria então autógrafa), porque naturalmente o que existe agora são cópias no idioma original. Também não são esses manuscritos cópias tiradas diretamente do autógrafa, mas cópias, de cópias, de cópias. . . . Decorreram pelo menos três séculos entre os autógrafos dos apóstolos e as cópias completas mais antigas que chegaram até nós. Apesar do cuidado com que em geral eram feitas essas cópias, é natural que com o tempo hajam passado pequenos erros involuntários, que só afetam a detalhes, e que além do mais podem ser corrigidos com razoável segurança, baseando-se na comparação de diferentes manuscritos.

No caso de que nos ocupamos, há numerosas cópias que se podem comparar. Dos três mil manuscritos do Novo Testamento em seu idioma original de que dispomos, uns trinta são suficientemente antigos (anteriores ao Século X de nossa era) para que seu testemunho seja autorizado. Sobrevive inclusive um papiro (conhecido como o “p46, da coleção Chester Beatty, conservado atualmente em Dublin) que foi escrito no século terceiro — somente uns dois ou três séculos separados do autógrafa apostólico. Este papiro contém a epístola aos romanos, a primeira aos tessalonicenses e a aos hebreus. Como quase todos os outros trinta, em Heb. 9:12 traz “lugar santo” — *ta hagia*. O “quase” vai por conta de um único manuscrito (o “porfiriano”, P, conservado em Leningrado), muito tardio, portanto, pois pode ser datado com segurança do Século X de nossa era, isto é, no limite do que se considera autorizado. Este único manuscrito dissidente traz *ta hagia toon hagion* — lugar santíssimo.

Um copista acrescentou, sem dúvida, involuntariamente as palavras *toon hagion* por influência do versículo três, que havia copiado recentemente. A autoridade deste único manuscrito é por isto, neste caso, ínfima, e para diminuir-lhe mais esta autoridade, ele pertence a uma “família” de manuscritos realizados em Constantinopla na Idade Média, conhecidos como tendo sido afetados por numerosos erros de cópia, sobretudo *adições* de palavras.

Por que os revisores da Versão Reina-Valera [em nosso caso, Alm.] abandonaram o testemunho dos outros trinta manuscritos antigos e das versões antigas e modernas, em favor de um testemunho isolado e tão duvidoso? É difícil saber, pois as Sociedades Bíblicas não informaram até agora, que saibamos, qual o critério adotado na escolha do texto para esta revisão. Seria desejável que o fizéssem, pois há outras curiosidades que vamos descobrindo à medida que estudamos a Versão Revista Reina-Valera [Almeida Revista, para nós].

Muito mais difícil de explicar lhes será por que colocam “lugar santíssimo” no verso 8, onde *nenhum* manuscrito grego o apóia. Evidentemente aqui tiveram de ignorar o texto original para que harmonizasse com a adição de texto que fizeram para o verso 12. Assim fazem Paulo dizer que antes da morte de Cristo não estava pronto o caminho do lugar santíssimo do santuário celestial — o que equivale a dizer que imediatamente depois, sim, preparando deste modo o caminho para o verso 12, onde se diz que entrou no lugar santíssimo. Novamente aqui a expressão original é uma forma de *ta hagia* — os [lugares] santos. O que Paulo diz, em realidade, é que não tínhamos acesso, antes da morte de Cristo, ao “maior e mais perfeito tabernáculo” (v. 11), por falta de intercessor no santuário celestial. Com Sua ascensão chegou ali os méritos de Sua morte expiatória. Também “a primeira parte do tabernáculo”, ao final do verso 8, devia ser “o primeiro tabernáculo”, como antes da revisão, o que vale dizer, o santuário terrestre neste ponto, corretamente na Almeida Revista, pois em nossa revisão o verso em sua parte final não sofreu alteração mencionada pelo autor em sua Reina-Valera. Enquanto os serviços deste tabernáculo eram válidos, ou seja, antes da morte de Cristo (recorde-se que o rompimento do véu do templo indicou o fim dos serviços do templo), Ele não havia assumido Suas funções no Céu. No santuário celestial as funções são *reais*, e não simbólicas, como o eram no terrestre; por isto a redenção devia efetuar-se antes de ser aplicada aos pecadores.

Que fazer no caso de ser alguém confortado com estas passagens revistas em nossa Bíblia? Parece-nos que o mais sensato seria apelar para outras versões no idioma que o interessado conheça, sem necessidade de entrar em explicações sobre os manuscritos, exceto se se deseja um estudo mais aprofundado, em cujo caso esperamos que os dados aqui providos sejam de alguma ajuda. ▼



# OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



*Campeões da Imortalidade Condicional  
Através dos Séculos*

(Continuação do número passado)

Século Vinte

CÓNEGO WILLIAM H. M. HAY AITKEN (1841-1927), organizador de missões anglicanas.

A doutrina do Tormento Eterno perdeu sua influência sobre o senso comum e as sensibilidades morais da humanidade. O povo não crê e não quer crer que um Deus infinitamente bom e misericordioso possa entregar Seus próprios filhos (Atos 17:28 e 29) a imensuráveis eras de tortura, em retribuição dos pecados e fraquezas de uns poucos e fugidios anos aqui na Terra. — Prefácio de *Life and Immortality*, 1949.

ERIC LEWIS (1864-1948), Universidade de Cambridge, missionário no Sudão e na Índia.

*Life and Immortality* (Vida e Imortalidade), 1949.

*Christ, the First Fruits* (Cristo, as Primícias), 1949.

Sumário:

1. Que o homem é mortal. Que a imortalidade não lhe pertence por natureza, mas é dom de Deus em Cristo, condicionada à fé e obediência, sendo o penhor dessa imortalidade a habitação do Espírito de Deus em nós. E essa imortalidade nos é comunicada por ocasião da ressurreição.

2. Que por ocasião da morte, a alma do homem, seu organismo físico, morre, e o homem volta ao pó.

3. Que por ocasião da morte, o seu espírito, que não é um entidade pessoal separada do corpo, volta a Deus que o deu, enquanto o homem mesmo passa para um sono inconsciente até à ressurreição.

4. Que por ocasião da ressurreição Deus chama de volta à vida o morto, de novo lhe inspirando o Seu Espírito. (...) O corpo da ressurreição, dado aos justos quando Cristo vier, será um corpo espiritual, corpo glorificado, semelhante ao Seu próprio, após Sua ressurreição.

Haverá uma ressurreição para o juízo, assim como para a vida. Aqueles cujo nome não for encontrado escrito no livro da vida, serão lançados no lago de fogo, para ali perecerem afinal, queimados como a palha. Quanto tempo seus sofrimentos hão

de durar, só Deus sabe; Seu juízo será de acordo com o merecimento de cada um. Esta é a "segunda morte", da qual não haverá ressurreição. — *Christ the First Fruits*, p. 79.

DR. WILLIAM TEMPLE (1881-1944), Arcebispo de Cantuária, Primaz da Grã-Bretanha.

*Christian Faith and Life* (Fé e Vida Cristãs), 1931: 16.<sup>a</sup> impressão, 1954.

*Drew Lecture on Immortality* (Conferência de Deus Sobre a Imortalidade), 1931.

*Nature, Man and God* (A Natureza, o Homem e Deus), 1953.

A doutrina da vida futura implica nosso primeiro desemaranhar do autêntico ensino das Escrituras clássicas, dos acréscimos que muito depressa começaram a obscurecê-las. — *Nature, Man and God*, p. 460.

O homem não é imortal por natureza ou por direito; mas é capaz da imortalidade e oferece-se-lhe a ressurreição dos mortos e a vida eterna, se a receber de Deus e nas condições de Deus. — *Id.*, p. 472.

Não há, porém, muitas passagens que falam do intermínio tormento dos perdidos? Não; tanto quanto alcança meu conhecimento, não há isso, absolutamente. — *Id.*, p. 464.

Afinal de contas, o aniquilamento eterno é um castigo eterno, embora não seja um tormento eterno. — *Ibid.*

Uma coisa podemos dizer com confiança: o tormento eterno está excluído. Se os homens não tivessem importado a noção grega e anti-bíblica da indestrutibilidade natural da alma humana, e então lessem o Novo Testamento tendo isto já em mente, teriam daí derivado uma crença, não no tormento eterno, mas no aniquilamento. É o fogo que é chamado eterno, não a vida nele lançada. — *Christian Faith and Life*, p. 81.

Como pode existir o Paraíso para alguns, enquanto para outros houver o Inferno, concebido como um tormento sem fim? Toda alma supostamente perdida veio ao mundo como filha de uma progenitora, e o Paraíso não pode ser para ela Paraíso, se o filho está nesse inferno. — *Id.*, p. 454.

DR. GERARDUS VAN DER LEEUW (1890-1950), lente na Universidade de Gronigen.

*Onsterfelijkheid of Opstanding* (Imortalidade ou Ressurreição), 1847.

Depois de citar Ecl. 3:19-21, comenta ele:

A imortalidade [inata] é um conceito que se adapta à filosofia do panteísmo. A morte não segue a imortalidade, mas a ressurreição. — *Onsterfelijkheid of Opstanding*, p. 30.

A Igreja — não importa quão helenizada possa estar na doutrina e na prática — sempre tem mantido a ressurreição do corpo. (...) Morre o corpo, a morte não pode absolutamente ser negada. Mesmo o Espírito, a alma que eu sou, não existirá. A alma morre também. Mas a vida toda do homem será renovada por Deus. Deus me ressuscitará “no último dia”. — *Id.*, p. 32.

*Deus, unicamente, é imortal* (I Tim. 6:16). *Ao homem deu Ele a promessa da ressurreição.*

*A criação se tornará uma re-criação. E a re-criação é ressurreição, um ressurgimento efetuado por Deus.* — *Id.*, p. 36.

Muitos pregadores, ultimamente, hesitam em pregar acerca da imortalidade. Outrora, porém, quando se pregava acerca da vida eterna, era sem esforço que eles se demoravam em fantasias quanto ao *corpo corráptivel* a uma *alma imortal*. Os devocionários e hinários antigos estão repletos disso. Mesmo hoje, nas casas mortuárias e nos cemitérios o povo é confortado mediante a mesma fonte — e todavia essas representações não são em nenhum aspecto cristãs, mas puramente gregas e contrárias à *assência da fé cristã*. — *Id.*, p. 20.

DR. AUBREY R. VINE (1900- ), redator-chefe de *The Congregational Quarterly*; professor no Yorkshire United Independent College.

*An Approach to Christology* (Estudo Sobre Cristologia), 1948.

A imortalidade natural do espírito é um conceito grego, e não um conceito cristão. — *An Approach to Christology* (1948), p. 314.

Contra a idéia da imortalidade natural do espírito temos de opor o fato de que Deus é o único existente por Si próprio e que coisa alguma existe ou continua a existir a não ser por Sua graça e vontade, dentro deste esquema ou de qualquer outro. Deus, unicamente, é exosquemático. Quando usamos a palavra “imortal”, portanto, acerca de qualquer ser que não seja Deus, temos de sempre reconhecer que ninguém senão Deus é imortal por Sua própria natureza e sem restrições. — *Id.*, p. 315.

“Imortal” só deve aplicar-se a um espírito humano se reconhecemos que só é imortal por graça e vontade de Deus. Unicamente Deus é imortal por Sua própria natureza e sem restrições. — *Id.*, p. 31., rodapé.

DR. MARTIN J. HEINECKEN, lente de teologia Sistemática no Seminário Teológico Luterano, Filadélfia.

*Basic Christian Teachings* (Ensinos Básicos Cristãos), 1949.

Falando do homem como unidade, diz ele:

No registro bíblico da criação é-nos dito que Deus formou o homem do pó da terra, e que Ele então lhe soprou nas narinas e o homem se tornou alma vivente. Isto é geralmente interpretado como se Deus fizesse uma alma, que é a pessoa real, e que Ele então tivesse dado a essa alma uma habitação temporária num corpo, feito do pó da terra. Mas isto é um dualismo falso. (...) O homem

deve ser considerado uma unidade. — *Basic Christian Teachings*, pp. 36 e 37.

Estamos tratando de um ser unificado, pessoa, e não de alguma coisa chamada alma e que habite numa casa chamada corpo, como se o corpo fosse simples instrumento empregado pela alma, mas não realmente parte da pessoa. — *Id.*, p. 38.

Tratando então da questão da imortalidade da alma diz ele:

Mantém algumas pessoas que exista dentro de todo homem uma essência imutável e indestrutível, imortal por seu próprio direito. Não é afetada pelo tempo; não teve princípio, nem pode ter fim. Sempre existiu, e sempre existirá. Veio para este mundo mutável, procedente dos domínios da eternidade e para ela retornará. — *Id.*, p. 138.

O ponto de vista cristão de modo algum deve ser identificado com a crença exposta acima, da imortalidade da alma. A crença cristã está na imortalidade do relacionamento com Deus, e na ressurreição. O dualismo cristão não é o de alma e corpo, espírito eterno e coisas passageiras, mas o dualismo de Criador e criatura. O homem é uma pessoa, um ser unificado, centro de responsabilidade, em relação com o seu Criador e Juiz. Não tem em si vida ou imortalidade. Veio à existência mediante o poder criador de Deus. Ele passa na Terra tantos anos quantos a providência de Deus lhe permite. Enfrenta a morte como salário do pecado. — *Id.*, pp. 133 e 134.

O homem tem especulado assim: Por ocasião da morte a alma separa-se do corpo. Aparece então perante Deus num julgamento preliminar (que em parte alguma da Escritura é mencionado) e entra num estado preliminar de beatitude ou de condenação. Então, quando soar a última trombeta, o corpo ressurgue e une-se de novo à alma, e assim novamente completo, corpo e alma reunidos, comparece ao cenário do julgamento público final, para dali entrar, ou na bem-aventurança final ou na final condenação. Não admira que, com este ponto de vista, os homens pouca necessidade vejam da ressurreição, tendo afinal abandonado completamente essa noção, satisfazendo-se com a redenção da alma tão-somente. — *Id.*, p. 135.

Morrer, então, quer dizer passar para a ressurreição e o julgamento, no final do tempo. Mesmo que alguém dissesse que todos os homens dormirão até que soe a trombeta final, que significa o passar do tempo aos que dormem? A transição do momento da morte para o da ressurreição para eles seria ainda instantâneo. Não seria diferente de ir para o leito à noite e despertar de manhã. — *Id.*, p. 136.

DAVID R. DAVIES (1889- ), reitor St. Mary Magdalen, Dt. Leonard-on-Sea, Inglaterra.

*The Art Of Dodging Repentance* (A Arte de Esquivar-se ao Arrependimento), 1952.

A alma do homem não é necessária e automaticamente imortal. É susceptível de ser destruída. A Bíblia não oferece nenhuma base para a crença de que a alma seja imune à morte e destruição. A alma *pode* ser destruída.

A imortalidade da alma não é doutrina bíblica, mas filosofia grega. A doutrina bíblica acerca da alma é a ressurreição dos mortos. O homem é um ser criado. Deus o criou, do nada. O homem foi criado para a imortalidade, mas por sua própria re-



belião contra Deus ele se fez mortal. — *The Art of Dying Repentance* (1952), p. 84.

A idéia da imortalidade da alma deriva da filosofia grega, que concebia a vida além-hades, um submundo sombrio e fantasmagórico, no qual a alma vivia uma existência crepuscular. Temos traduzido a palavra hades pela palavra inferno, que imaginamos como um lugar de dor e tormento. Mas o hades grego não era lugar de tormento. Inferno como tormento deriva mais do termo hebraico *geena*, do que do grego *hades*, que significava uma existência inferior, sombria, isenta de paixão e sofrimento. Era produto do ponto de vista grego do homem como composto de matéria e alma, que a morte separava, libertando a alma da casa-prisão da matéria, para uma existência independente.

O ponto de vista hebraico era inteiramente diverso. Na Bíblia é o homem considerado como uma unidade de “vida” ou espírito, manifestando-se como alma e corpo. Visto como o homem se tornou a si mesmo mortal, sua alma, conseqüentemente, também participa da mortalidade. O homem não é um composto de duas entidades separadas, matéria e espírito, mas uma unidade de espírito funcionando como matéria e alma. É a unidade que é mortal. — *Id.*, pp. 84 e 85.

DR. BASIL F. C. ATKINSON, bibliotecário da Universidade de Cambridge.

*The Pocket Commentary of the Bible* (Comentário de Bolso, da Bíblia) Primeira parte, Livro de Gênesis, 1954.

Comentário sobre Gên. 2:7:

Tem-se pensado às vezes que a comunicação do princípio vital, como nos é apresentado nesse versículo, significava imortalidade do espírito ou alma. Tem-se dito que, feito à imagem de Deus implica imortalidade. A Bíblia nunca diz isso. Se envolve imortalidade, por que não envolve também onisciência ou onipresença, ou qualquer outra qualidade ou atributo do Infinito? Por que destacar apenas um? O fôlego da vida não foi soprado no coração do homem, mas em suas narinas. Envolveria vida física. Através da Bíblia o homem, à parte de Cristo, compreende-se como feito de pó e cinza, criatura física, a quem é por Deus emprestado um princípio de vida. Os pensadores gregos inclinavam-se a pensar no homem como sendo uma alma imortal, aprisionada num corpo. Esta ênfase é oposta à da Bíblia, mas tem encontrado vasto lugar no pensamento cristão. — *The Pocket Commentary of the Bible*, Parte I, Livro de Gênesis, p. 32.

DR. EMIL BRUNNER (1889- ), professor de teologia sistemática e prática, Universidade de Zurique, professor-visitante em Princeton e na International Christian University, Tóquio.

*Eternal Hope* (Esperança Eterna), 1954.

Depois de estudar o vasto conceito histórico da “sobrevivência da alma após a morte” como a “separação da alma do corpo”, declara ele:

Para a história do pensamento ocidental, o ensino platônico da imortalidade da alma assumiu um sentido especial. Penetrou tão profundamente no pensamento do homem ocidental porque, embora com certas modificações, foi assimilado pela teologia cristã e pelo

ensino da igreja, tendo mesmo sido declarado como dogma pelo Concílio de Latrão de 1512 [1513], e contradizer o qual era tido como heresia. — *Eternal Hope*, p. 100.

Então acrescenta ele:

Só recentemente, em resultado de uma compreensão do Novo Testamento em profundidade, têm surgido fortes dúvidas quanto a sua compatibilidade com o conceito cristão do relacionamento entre Deus e o homem. — *Ibid.*

De acordo com o platonismo:

O corpo é mortal, a alma é imortal. O envoltório mortal oculta essa eterna essência que por ocasião da morte é liberto de sua concha externa. — *Id.*, p. 101.

Depois de observar que “este conceito dualístico do homem não corresponde com a perspectiva cristã”, observa ele:

Visto como este modo de furta ao mal o seu agulhão corre necessariamente paralelo com o tornar inócua a morte mediante o ensino da imortalidade, esta solução do problema da morte permanece em irreconciliável oposição ao pensamento cristão. — *Ibid.*

Comentando mais a “doutrina da imortalidade da alma” (p. 105), a qual o cristianismo medieval “adotou” da “filosofia grega”, observa ele que era “completamente alheia ao essencial ensino do cristianismo”. E acrescenta:

A opinião de que nós homens somos imortais porque nossa alma é de uma essência indestrutível, porque divina, essa opinião é, de uma vez para sempre, irreconciliável com o ponto de vista bíblico de Deus e do homem. — *Id.*, pp. 105 e 106.

A crença filosófica na imortalidade é como um eco, reproduzindo e falsificando a superior Palavra desse Criador divino. É falsa porque não toma em conta a real perda desse destino original, devida ao pecado. — *Id.*, p. 107.

DR. REINHOLD NIEBUHR (1892- ) lente no Union Theological Seminary.

*The Nature and Destiny of Man* (Natureza e Destino do Homem), (Scribners), 1955. (Conferências de Gifford em Edimburgo, 1939).

Depois de contrastar o ponto de vista “clássico” acerca do homem, da antigüidade greco-romana, com o ponto de vista “bíblico”, Niebuhr afirma que ambos “realmente se fundiram com o pensamento do catolicismo medieval”. — *The Nature and Destiny of Man*, Vol. 1, p. 5. O ponto de vista clássico, de que a “mente” ou “espírito” seja “imortal”, era inseparavelmente ligado ao conceito dualístico do homem (p. 7). Mas entre os hebreus, observa ele, o conceito de uma mente imortal num corpo mortal permanece desconhecido. — *Id.*, p. 13.

O platonismo do Orígenes destrói completamente o sentido bíblico da unidade do homem. — *Id.*, p. 153, rodapé.

O conceito cabalmente platônico de Gregório de

Nisa, acerca da relação da alma para com o corpo, expressa-se vividamente em sua metáfora do ouro e do metal inferior. — *Id.*, p. 172.

A idéia da ressurreição do corpo é um símbolo bíblico que muito ofende os espíritos modernos, e que há muito foi substituída na maioria das versões modernas da fé cristã, pela idéia da imortalidade da alma. Esta última idéia é considerada como expressão mais plausível da esperança de vida eterna. — *Ibid.*, Vol. 2, p. 294.

A ressurreição não é uma possibilidade humana no sentido em que assim é considerada a imortalidade da alma. Todas as provas da imortalidade da alma, plausíveis ou não, representam esforços por parte da mente humana para dominar e controlar a consumação da vida. Todos procuram, de um ou outro modo, provar que um elemento eterno na natureza do homem é digno e capaz de sobreviver a morte. — *Id.*, p. 295.

A esperança cristã da consumação da vida e da história é menos absurda do que as doutrinas alteradas que procuram compreender e efetuar a inteireza da vida por algum poder ou capacidade inerente ao homem e sua história. — *Id.*, p. 298.

DR. T. H. KANTONEN (1900- ), professor luterano, Hamma Divinity.

School, membro americano da Comissão da Federação Mundial Luterana Sobre Teologia.

*The Christian Hope* (A Esperança Cristã), 1954.

A influência da filosofia helênica representada em particular pelos pais da Alexandria, tendia a espiritualizar a escatologia numa contínua purificação interior e na imortalidade da alma. — *The Christian Hope*, p. 20.

O animismo primitivo com sua noção de uma alma-fantasma destacável, que continua após a morte a levar uma existência sombria e participar de uma interação com os vivos — esta noção está ainda à base de muito pensamento religioso popular sobre o assunto. Mais importante e influente do ponto de vista teológico é a idéia grega da imortalidade da alma, que baseou sua formulação clássica nos diálogos de Platão, quatro séculos antes de Cristo. Visto que o platonismo forneceu as formas de pensamento mais sublime para o período formativo da teologia cristã, não é de surpreender que muitos dos pais identificassem a doutrina cristã da vida eterna como a imortalidade platônica e que finalmente o quinto Concílio de Latrão (1512-17) o adotasse como dogma da igreja. — *Id.*, p. 27.

Tem sido característica do pensamento ocidental, desde Platão, fazer nítida distinção entre a alma e o corpo. O corpo supõe-se composto de matéria, e a alma de espírito. O corpo é uma prisão da qual a alma é liberta por ocasião da morte, para continuar por si mesma uma existência não-física. Por motivo de sua natureza espiritual imaterial, a alma tem sido considerada indestrutível. Daí a questão da vida após a morte tornou-se a questão de demonstrar a imortalidade, a capacidade da alma de desafiar a morte. O corpo pouco importa.

Este modo de pensar é inteiramente estranho à Bíblia. Fiel à Escritura e definitivamente rejeitando o ponto de vista grego, o credo cristão: “Creio na imortalidade da alma o credo cristão não diz: “Creio

na imortalidade da alma”, porém sim: “Creio na ressurreição do corpo”. — *Id.*, p. 28.

Não é a alma uma parte separada do homem, constituindo uma substância por si própria. — *Id.*, p. 29.

“A fé cristã desconhece a imortalidade da pessoa. Isso significaria a negação da morte, não reconhecendo esta como juízo de Deus. A fé cristã sabe apenas de um despertamento da morte real, mediante o poder de Deus. Existe vida após a morte apenas mediante o despertar da ressurreição.”(\*) Não há imortalidade de alma, porém uma ressurreição da pessoa toda, corpo e alma. A única imortalidade que a Bíblia reconhece é a imortalidade de um relacionamento pessoal com Deus em Cristo. — *Id.*, p. 33.

A Bíblia não faz distinção entre homens e animais quanto a possuir o homem alma imortal e os animais não. Os homens, os animais, e mesmo as plantas são semelhantes na morte. Não precisamos preocupar-nos com o espiritismo ou hipóteses de qualquer espécie, quando à existência futura. Toda a questão de morte e vida após a morte se simplifica quando nossa única preocupação é a fé em Deus, que pode destruir e pode ressuscitar. A vida não tem sentido e nenhuma esperança oferece exceto condicionada à vitória de Cristo sobre a morte e à certeza de que participamos dessa vitória.

Há na Escritura considerável apoio ao ponto de vista de que tanto a alma como o corpo são perecíveis. Esta evidência foi obscurecida porque o conceito grego da imortalidade inerente da alma suplantou o ensino da Escritura. — *Id.*, p. 34.

Há duas realidades indisputáveis na doutrina escriturística: O fato da morte e o fato da ressurreição dos mortos, por ocasião da segunda vinda de Cristo. Mas entre a morte da pessoa e a volta de Cristo há um intervalo que, segundo o ponto de vista humano, no caso da maioria dos homens, é um longo período de tempo. — *Id.*, p. 36.

Contra essa especulação [purgatório, limbo, etc. da Igreja Romana], a ortodoxia protestante tem, em geral, negado todas as concepções de um estado neutro de aguardo, sustentando que as almas passam imediatamente para o estado de miséria ou de bem-aventurança. — *Id.*, p. 37.

Se morte quer dizer entrada no Céu, a ressurreição e o julgamento perdem então seu sentido. — *Id.*, p. 38.

(\*) De Paul Althaus, *Die Letzten Dinge* (Gutersloh: Bertelsmann, 1933), p. 126.

A alma não tem existência à parte do corpo. Morre o homem todo, corpo e alma, e o homem todo, corpo e alma, ressurge no último dia. Ao morrer, o homem segue diretamente para a ressurreição final e o juízo. Não existe período de espera, pois a espera implica tempo, e para além da morte o tempo não tem nenhum sentido. Segundo nosso próprio ponto de vista temporal, podemos falar dos mortos como estando dormindo, e então dizer, como Lutero, que para a pessoa em sono profundo a passagem de séculos é um instante apenas. Podemos mesmo dizer que os crentes finados estão no lar com o Senhor, no sentido de que são passadas suas lutas e sua espera, e eles alcançaram seu alvo final. — *Id.*, pp. 96 e 97. (\*)



Uma alternativa e a de que a sorte dos ímpios não seja nem a redenção final nem o tormento eterno, mas simplesmente o aniquilamento. A morte eterna conformar-se-ia com a conotação neotestamentária da morte em geral, *apoleia*, destruição. Os proponentes deste ponto de vista alegam que a idéia do castigo eterno se baseia no conceito platônico da inerente indestrutibilidade da alma e de que o raciocínio empregado para confutá-lo se aplica aqui também. Nesta base, a natureza de Deus também se apresenta reivindicada. — *Id.*, p. 107.

Quando Cristo, então, no final, destruir “todo o império, e toda a potestade e força”, Ele erradicará todo vestígio de oposição a Deus, seja humano ou super-humano. Este ponto de vista, diferente da restauração universal, preserva o juízo duplo ensinado nas Escrituras. E ser completamente separado de Deus, a fonte da vida, parece logicamente implicar a não-existência. Esse declínio para o nada, de todas as esperanças e valores da vida, torna a perdição uma terrível realidade, mesmo sem o aspecto do prolongado tormento. — *Id.*, p. 108.

A esperança do cristão ao morrer não está no poder do homem de desafiar a morte, mas sim no poder de Deus de ressuscitar da morte o homem. A morte é real e o homem não tem a capacidade inerente de saltar por sobre a sepultura para outra existência. — *Id.*, p. 111.

O significado último da vitória de Cristo sobre a morte tornar-se-á manifesto na ressurreição dos mortos. — *Id.*, p. 112.

DR. D. R. G. OWEN, professor de conhecimento religioso, Trinity College; conferencista sobre filosofia e religião, Wycliffe College, Toronto, Canadá.

### *Body and Soul (Corpo e Alma)*, 1956.

(\*) Posteriormente o Dr. Kantonen mudou seu ponto de vista, concordando com Walter Kuenneth (*Theologie der Auferstehung*), em que os mortos não são inexistentes. (Ver p. 39.)

Os pontos em tela giram em torno dos conceitos de “corpo” e “alma”. A antropologia “religiosa” [encontra distinção à bíblica] adota um extremo dualismo, afirmando que o corpo e a alma são duas substâncias diferentes e distintas. Alega que a alma seja divina na origem e imortal por natureza, e que o corpo corruptível seja a fonte de todo o pecado e impiedade. Recomenda o cultivo da alma independente do corpo, e defende a supressão de todos os apetites físicos e impulsos naturais. Considera o corpo como túmulo ou prisão da alma, prisão da qual ela anela libertar-se. Afinal, tende a supor que a alma, mesmo em sua existência na Terra, é inteiramente independente do corpo e assim goza um livre arbítrio desimpedido pelas leis que regem os domínios físicos. — *Body and Soul*, p. 26. (Copyright 1956, por U. L. Jenkins, The Westminster Press.)

Se consultarmos a Bíblia, como o faremos depois, porém, veremos que há grande diferença no ponto de vista quanto ao homem. Aí não há dualismo, e dificilmente qualquer idéia da imortalidade de uma alma distinta e independente. — *Id.*, p. 29.

Platão permanece até ao fim um dualista antifísico. Ele e seus seguidores são os maiores res-

ponsáveis pela imposição da antropologia “religiosa” ao pensamento ocidental. — *Id.*, p. 41.

Esta última crença, especialmente — a idéia de que a alma pode subsistir sem o corpo — implica obviamente alguma forma de dualismo corpo-alma. (...) Este dualismo corpo-alma era uma implicação necessária da doutrina grega da imortalidade da alma. — *Id.*, p. 59.

Ora, há algumas poucas passagens escriturísticas isoladas que podem sugerir a idéia da imortalidade da alma no sentido grego, mas o ponto de vista normal bíblico é bem diverso: No Novo Testamento é a ressurreição do corpo que é acentuada, e esta doutrina é quase uma contradição direta da escatologia “órfica”. Por que, então se inclinavam os pais para essa noção em grande parte anti-bíblica? — *Ibid.*

Fato é que a adoção, por parte dos Pais da idéia “religiosa” da imortalidade da alma separada do corpo forçou-os a adotar a doutrina do dualismo corpo-alma. — *Id.*, p. 61.

A idéia do estado intermediário afinal se tornou na doutrina do purgatório. — *Ibid.*

Os Pais sem dúvida foram impressionados pela força do argumento apresentado pela filosofia grega para provar a imortalidade da alma. E afinal, naturalmente, a idéia de um estado intermediário deu ao ser humano outra oportunidade de ser purificado de seus pecados antes do último juízo. Foi o desenvolvimento dessa noção que levou à doutrina do purgatório, com todas as superstições e práticas objetáveis que afinal constituíram o sistema purgatorial e, em última análise, forneceram parte da imediata causa da Reforma. — *Id.*, p. 62.

A antropologia resultante dos ensinamentos dos Pais da Igreja era uma mistura de idéias bíblicas e gregas. Acrescentaram à idéia neotestamentária da ressurreição do corpo, a idéia de um estado intermediário no qual a alma existe à parte do corpo, aguardando sua recuperação no fim. — *Id.*, p. 77.

A antropologia “religiosa”, no que concerne ao pensamento do Ocidente, é de origem grega, e não bíblica. É também típica das religiões orientais em geral, tais como o induísmo e o budismo. Parece ser caracteristicamente “religiosa”, e por esta e outras razões tem-se inclinado a insinuar-se no ponto de vista cristão acerca do homem, corrompendo-o. Isto, como vimos, aconteceu nos períodos patrístico e medieval, e o catolicismo e protestantismo modernos têm-se inclinado a perpetuar este erro primitivo. — *Id.*, p. 163.

O ponto de vista bíblico acerca do homem é inteiramente diverso do “religioso”. — *Id.*, p. 164.

A idéia da imortalidade da alma no sentido grego pode ser sugerido em algumas passagens da literatura erudita e é positivamente encontrada em certos trechos dos apócrifos. Esta linha de pensamento desenvolveu-se mais tarde no judaísmo Helenístico da Escola Alexandrina, no período intertestamentário, do qual o filósofo religioso Plínio é o máximo exemplo. — *Id.*, p. 178.

Estes são alguns exemplos da legião de defensores da imortalidade condicional, ou vida unicamente em Cristo, e da destruição final dos pecadores impenitentes.

# Como Apresentar ao ...

(Continuação da p. 6)

dadeiro amor entre os cristãos, terá direito de concluir que tais não são Seus discípulos.

A segunda afirmação, em S. João 17, é que a menos que haja verdadeira união entre os cristãos, o mundo tem o direito de concluir que o Pai não enviou o Seu Filho. Isto não significa necessariamente uma união de organizações, mas sim, fala sobre o amor que deve ser observado pelo mundo.

Ora, isto certamente tem algo que ver com a justiça social no plano racial. Como igreja temos sido muito pobres neste sentido. Se não mostramos união prática com um cristão de cor diferente ou de diferente nível social, então penso na conclusão que Cristo disse o mundo teria. Ou o povo dirá que não somos cristãos ou chegará a mais horrível das conclusões — a de que o cristianismo não é verdadeiro.

**Como pode nossa vida na igreja exemplificar este amor?**

Não creio que uma igreja seja igreja no sentido real da palavra, a menos que seja uma comunidade praticante. Primeiro, ela tem de ser doutrinariamente certa, e então deverá ser comunitária. Cada comunidade cristã deve ser uma demonstração de que toda

alienação entre os homens, não apenas de cor, mas de toda espécie, deve ser remediada na base de nosso entendimento: (1) de que o Deus pessoal, infinito, existe; (2) que Ele é tanto santidade como amor; (3) que nos criou a Sua própria imagem e que procedemos todos de uma só fonte; e (4) que uma vez que somos redimidos estamos num só corpo e somos irmãos em Cristo.

A alienação a que o cristão está afeto é tríplice: Primeiro, é a alienação de Deus. Isto demanda justificação diante de Deus e então uma vida existencial e experimental na realidade de Deus. A segunda alienação é psicológica, isto é, a alienação de mim mesmo. Viver juntos numa comunidade cristã deve ser uma condição terapêutica, em que nos socorremos uns aos outros. A alienação da sociedade é a terceira categoria. A comunidade cristã deve mostrar que em virtude de provirmos de uma só fonte e termos uma só fonte e termos uma só salvação, as coisas secundárias não nos devem dividir — seja na teoria seja na prática.

O mundo deve poder olhar para nós e ver algum remédio para todas essas alienações. Sem isto toda forma de apologia e de evangelismo é insuficiente. Δ

## Reflexões de um Pastor

F. H. HARRIS

GOSTARIA de viver de tal maneira que se meus pais estivessem vivos, minha conduta na vida não lhes causasse preocupações.

Gostaria de viver de tal maneira que minha esposa estivesse disposta a fazer a mesma escolha que fez há quase meio século no passado, para percorrer comigo a áspera senda da vida.

Gostaria de viver de tal maneira que meus filhos pudessem dizer sinceramente: "Meu pai nunca bebeu; jamais o ouvi blasfemar; e nasci num lar de oração".

Gostaria de viver de tal maneira que minha Igreja pudesse dizer: "Ele vive as doutrinas que prega".

Gostaria de viver de tal maneira que pudesse debater com meu irmão as diferenças de nossas crenças, e mesmo que continuássemos a divergir, eu não lhe causasse afronta.

Gostaria de viver de tal maneira que meu vendeiro, meu médico e meu banqueiro pudessem dizer: "Ele é um homem que cumpre a palavra".

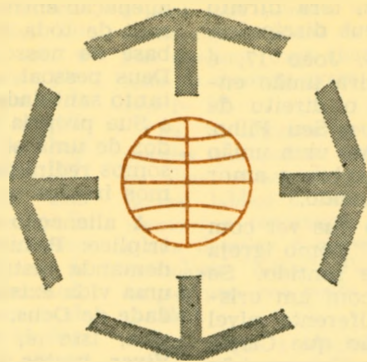
Gostaria de viver de tal maneira que fosse lembrado tanto nas tristezas como nas alegrias da vida de meu vizinho.

Gostaria de viver de tal maneira que o pior pecador sentisse ter em mim um amigo que desejava auxiliá-lo a alcançar uma existência mais elevada.

Gostaria de viver de tal maneira que quando eu morresse meu jardim estivesse viçoso e verdejante, e outros se deleitassem com os frutos do meu trabalho. — Free Methodist.



# NOTAS



# BREVES



Grupo de evangelistas e secretários ministeriais do Brasil que assistiram ao Congresso no IAE. A. Campolongo, da Assoc. Paulista; Arno Köhler, da Assoc. Sul-Rio-Grandense; H. R. Dower, da Assoc. Geral; R. Pereyra, da Divisão Sul-Americana; José Bessa, da União Sul-Brasileira; Wandir Mendes de Araújo, da Missão-Mineira. Não aparece na foto o Pastor Raymundo Lima, da União Norte.





### **Congresso de Dirigentes Ministeriais No Brasil**

**Grupo de obreiros que assistiram ao Curso de Pregação Persuasiva e à Assembléia Ministerial no IAE, de 16-22 de janeiro de 1974.**

**No centro o Pastor H. R. Dower, secretário do Dep. Ministerial da Associação Geral, e Rubén Pereyra, da Divisão Sul-Americana.**



**Além dos noticiários que repetiram a publicidade para as reuniões, a TV de Florianópolis entrevistou o Pastor Ezequiel B. Morais Filho, evangelista da Missão, durante 12 minutos, em relação às atividades da Igreja durante a Semana Santa.**

**A Missão Catarinense relata:**

<b>Em 1973</b>	<b>79 pontos de pregação</b>
<b>Em 1974</b>	<b>110 pontos de pregação até esta data.</b>

**Um desses pontos de pregação é o Salão Paroquial de URUBICI, dirigido pelo obreiro Fernando C. dos Santos, e outro funciona no Salão Social da igreja presbiteriana em Florianópolis.**



# Viagem Pela Europa e Terras Bíblicas

**GRÉCIA — EGITO — LÍBANO  
— SÍRIA — MESOPOTÂMIA (Ira-  
que) — JORDÂNIA — ISRAEL.**

Autorizada pela Divisão Sul-Americana. De 20 de julho a 15 de agosto de 1975, imediatamente após o Congresso Mundial. Custo aproximado de Viena a Viena (27 dias), \$ 1.200,00 dólares. Compreendendo: A viagem de ida e volta — Viena a Amman, com escalas, custará \$ 300,00 dólares, e todas as despesas de hospedagem, refeições e transporte terrestre, pelo Oriente Médio, custarão aproximadamente \$ 900,00 dólares. Se deseja receber mais informações e uma cópia do itinerário, pode escrever ao

Dr. Werner Vyhmeister  
Secret. de Educação, Divisão Sul-Americana  
Casilla 286  
Montevidéu, URUGUAI

## MUDOU DE ENDEREÇO?

Para que não se interrompa a remessa de O Ministério Adventista, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome .....

Endereço anterior .....

Novo endereço .....

Envie à CASA PUBLICADORA BRASILEIRA.

## O MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André, São Paulo.

Ano 40 Nov.-Dez., 1974 N.º 6

DIRETOR —  
RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —  
BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —  
CARLOS A. TREZZA

COLABORADORES —  
E. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA

DEPTO. DE ARTE —  
HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual ..... US\$ 3,00  
Número Avulso ..... US\$ 0,50

## NESTE NÚMERO

De Coração a Coração:	
A Instituição ou a Mensagem?	2
Evangelismo:	
Como Apresentar ao Povo um Deus Real	4
Pastoral:	
Necessidade de Pregação Doutrinária	7
No Ano da Colheita:	
O Regozijo da Colheita	8
Artigos Gerais:	
Difusão	9
O Que Poderia Ter Sido 12, 13 Onde Cristo Entrou em 1844?	14
Perguntas Sobre Doutrina	16
Notas Breves	22
Viagem pela Europa e Terras Bíblicas	24